

O mestiço e a nação: a questão racial no Muralismo mexicano e suas reverberações no século XXI

 Leonardo Bento de Andrade*

Resumo: Este artigo visa analisar o impacto das noções de raça e nação de José Vasconcelos, sistematizadas no ensaio *La raza cósmica* (1925), na pintura mural presente na Secretaría de Educación Pública, além de confrontar essas ideias na produção bibliográfica de Samuel Huntington e Renaud Camus. Vasconcelos, quando Ministro de Educação Pública no México, deu ensejo ao Muralismo no país ao contratar vários artistas para preencher as paredes dos prédios das instituições públicas com cenas do passado, do presente e do futuro promissor da nação mexicana. Através disso, imprimiu na produção desses artistas seu ideal de uma raça miscigenada nascida na América Latina cuja virtuosidade levaria a humanidade ao progresso.

Palavras-chave: José Vasconcelos, Muralismo, raça cósmica, Renaud Camus, Samuel Huntington.

The mestizo and the nation: The racial question in Mexican muralism and its reverberations in the 21st century

Abstract: This article aims to analyze the impact of José Vasconcelos' notions of race and nation, systematized in the essay *La raza cósmica* (1925), in the mural painting present at the Secretaría de Educación Pública, in addition to confronting these ideas in the bibliographical production of Samuel Huntington and Renaud Camus. Vasconcelos, when Minister of Public Education in Mexico, gave opportunity to the beginning of Muralism in the country by hiring several artists to fill the walls of the buildings of public institutions with scenes from the past, present and promising future of the Mexican nation. Through this, he impressed in the production of these artists his ideal of a mixed race born in Latin America whose virtuosity would lead humanity to progress

Keywords: José Vasconcelos, Muralism, cosmic race, Renaud Camus, Samuel Huntington.

* Mestre em História. Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. E-mail: andradelb@hotmail.com



Introdução

Na terceira década do século XX, nascia no México um movimento artístico regido por José Vasconcelos, o então Ministro de Educação Pública. Vasconcelos foi incumbido pelo presidente recém-eleito, Álvaro Obregón, da tarefa de unir a população mexicana após décadas de instabilidade política no país causada pela Revolução Mexicana de 1910.

A partir de 1921, o novo governo teve como um de seus objetivos centrais a incorporação da população mexicana em um projeto de nação moderna. Obregón, em busca de legitimação para seu governo pós-revolucionário, criou a Secretaría de Educación Pública (SEP). Sob a direção de Vasconcelos – que havia saído há pouco da reitoria da Universidade Nacional do México –, o órgão planejou a educação do país tomando a perspectiva messiânica da Raça Cósmica. Segundo o ensaio escrito pelo ministro, a América Latina estaria destinada a dar à luz um novo tipo humano caso as barreiras culturais da região fossem derrubadas.

A pintura mural no México, que mais tarde se torna um movimento artístico específico, tem início com a empreitada do ministro de preencher as paredes das instituições públicas do país com cenas que refletissem seus projetos conciliadores. Frente ao problema de representação de seus interesses, pouco específicos e um tanto pretensiosos, Vasconcelos encontra na figura do mestiço uma resposta.

Assim, à personagem do *mestizo*, surgido da união das etnias, coube a função de unificar o povo mexicano em torno da nova nação que estava sendo pensada. A partir daí, pessoas de várias tonalidades de pele começam a aparecer nos murais dos artistas comissionados pelo ministro, sinalizando um presente de um México racialmente plural e, dada a virtude da mistura das raças, com um futuro promissor.

Contudo, a ideia fraternal e messiânica do ministro mexicano não apraz ideólogos como Samuel Huntington e Renaud Camus, que condenam sumariamente a mistura. Esses pensadores da direita conservadora tomam

a questão racial, disfarçada sob o véu da “civilização”, como uma ameaça ao modo de vida ocidental. Por meio do “mito” da Civilização Ocidental, em especial de sua porção norte, Huntington e Camus criam um vetor para uma força subalternizadora que inspira atos terríveis.

Da colônia, para a colônia

No dia 15 de março de 2019, um homem de 28 anos deu início a uma transmissão simultânea em seu perfil no Facebook filmada a partir de uma câmera posicionada em sua cabeça. O vídeo mostra Brenton Tarrant dirigindo seu automóvel pelas ruas da cidade neozelandesa de Christchurch. Em dado momento, ele entra em um beco, estaciona seu carro, desce, abre o portamalas, retira uma arma e se dirige para a entrada de uma mesquita. Lá, ele assassinou 42 pessoas a sangue frio, deixando outras tantas feridas. A transmissão é encerrada abruptamente, quando Tarrant estava a caminho de uma outra mesquita onde mataria mais sete pessoas. Ao todo, 51 pessoas foram assassinadas em seu atentado (duas morreram após serem hospitalizadas).

Antes do ataque, o atirador publicou na internet um manifesto intitulado *The Great Replacement (A Grande Substituição)*. Nele, Tarrant se identifica como um homem branco comum, de origem humilde, pouco interessado em educação formal, mas muito preocupado com o futuro das crianças brancas ocidentais. O título de seu manifesto faz referência direta à teoria conspiratória de mesmo nome, cujo principal propagador é o ensaísta francês de extrema-direita Renaud Camus¹. Tarrant e Camus concordam especialmente em um aspecto: o perigo das altas taxas de natalidade dos assim chamados “povos árabes”.

Quase como um mantra, Tarrant repete a frase “It’s the birthrates” (“São as taxas de natalidade”) por três vezes na introdução de seu manifesto. Camus, por sua vez, vale-se de um trecho de um suposto discurso do ex-

¹ Autor de *La Grande Déculturation* (2008) e *Le Grand Remplacement* (2012).

presidente argelino Houari Boumédiène, proferido em uma conferência da ONU em 10 de abril de 1974, para justificar sua resistência aos imigrantes que vivem na França:

Um dia, milhões de homens deixarão o hemisfério sul para ir ao hemisfério norte. E eles não vão lá como amigos. Porque eles vão lá para conquistá-lo. E eles vão conquistá-lo povoando-o com seus filhos. É a barriga de nossas mulheres que nos dará a vitória (Camus, 2012: 24, tradução nossa).

No entanto, embora o discurso proferido por Boumédiène naquela ocasião tenha sido duro contra as organizações do Norte, o ex-presidente nunca disse isso, ao menos, nada disso consta na transcrição oficial de sua fala². Mesmo assim, suas supostas palavras foram e ainda são incessantemente reproduzidas em blogs da extrema-direita francesa. A teoria da Grande Substituição ergueu-se usando um discurso nunca proferido e Camus, junto com seu ainda inexpressivo partido, o In-nocence, continua pregando os ideais de uma suposta Civilização Ocidental dotada de homogeneidade étnica, cultural e territorial³. Curiosamente, quase 100 anos antes, no México, um escritor pensava justamente o surgimento de um tipo humano superior através da mistura étnica tão temida por Camus.

A raça cósmica

Em 1925, José Vasconcelos publica o ensaio *La raza cósmica*. Nele, imagina como se daria o surgimento de uma nação ibero-americana na América Latina. Segundo ele, o subcontinente seria uma região favorável para o surgimento de uma nova civilização que misturará brancos, negros,

² O texto integral da 2208ª Reunião Plenária da Assembleia Geral da ONU pode ser acessado em: <<https://undocs.org/pdf?symbol=en/A/PV.2208>> Acesso em: 12 mai. 2019.

³ Cabe destacar que o autor se pronunciou contrário ao atentado de Tarrant em seu perfil no Twitter, afirmando que não defende a utilização de violência para impedir a Substituição. Ele afirma que “os colonizados [europeus] não devem imitar os métodos do colonizador [imigrantes]” Disponível em: <<https://twitter.com/RenaudCamus/status/1106479599360372736>> Acesso em: 12 mai. 2019.

asiáticos e indígenas, uma civilização que irá educar e amar todo o mundo (Vasconcelos, 1948: 35-43).

Quando Vasconcelos assume a Secretaría de Educación Pública, em 1921, ele se insere no programa de reconstrução nacional que vigorava no momento. A partir de então, a pintura mural passa a ser utilizada com três finalidades: para indicar a institucionalização do compromisso de modernização e industrialização do país; para estabelecer um canal de diálogo e acalmar os ânimos da burguesia e do proletariado; e para apaziguar as intenções revolucionárias campesinas pela inclusão do grupo na retórica de coesão nacional (Greeley, 2012: 18).

Em um relato de sua tentativa de materializar esse projeto, ao final de *La raza cósmica* Vasconcelos indica quais foram seus planos iniciais para a disposição dos murais da SEP:

Nos painéis dos quatro ângulos do pátio anterior fiz alegorias da Espanha, do México, da Grécia e da Índia, as quatro civilizações particulares que devem contribuir mais para a formação da América Latina. Em seguida, abaixo dessas quatro alegorias, quatro grandes estátuas de pedra das quatro grandes raças contemporâneas deveriam ser erguidas: o branco, o vermelho, o preto e o amarelo, para indicar que a América é o lar de todos e precisa de todos. Finalmente, no centro, deve erigir-se um monumento que de alguma forma simbolizasse a lei dos três estados: o material, o intelectual e o estético. Tudo para indicar que, através do exercício da lei tríplice, chegaremos à América, antes de qualquer outro lugar do globo, à criação de uma raça feita com o tesouro de todos os anteriores, a raça final, a raça cósmica (Vasconcelos, 1948: 53-54, tradução nossa).

Dentre suas propostas, poucas foram concretizadas. O pátio ao qual Vasconcelos se refere é conhecido hoje como *Patio del trabajo*. Suas paredes foram cobertas pelos murais de Diego Rivera, que trabalhou durante cinco anos no projeto. Nele, o pintor transformou o monumento central pensado pelo ministro nas pinturas dispostas ao longo dos corredores dos três andares do espaço: um dedicado às atividades laborais, outro para às intelectuais e o último para às artísticas. Quanto aos painéis, eles estão posicionados conforme a descrição do relato: localizados nos quatro cantos internos do pátio.



Figura 1 - CENTURIÓN, Manuel. Painéis da SEP - Grécia, Índia, México e Espanha. 1922. Painel em pedra. Fonte: Acervo Google Maps.

Voltados para o centro do espaço, o painel da Grécia está de frente para o da Espanha, e o da Índia para o do México e, abaixo de cada um deles, encontra-se uma placa que os identifica e os relaciona com uma personalidade histórica (Platão, Buda, Las Casas e Quetzalcoatl). Em um discurso, proferido por ocasião da inauguração do novo edifício da SEP, Vasconcelos explicou o motivo dessa escolha:

Grécia, mãe ilustre da civilização europeia da qual somos descendentes, está representada por uma jovem que dança e pelo nome de Platão que encerra toda a sua aurora. A Espanha aparece na caravela que uniu este continente com o resto do mundo, a cruz de sua missão cristã e o nome de Las Casas, o civilizador. A figura asteca lembra o refinamento dos nativos e o mito de Quetzalcoatl, o primeiro educador desta zona do mundo. Finalmente, na quarta tábuia, o Buda aparece envolto em sua flor de lótus, como uma sugestão de que nesta terra e nessa estirpe indo-ibérica o leste e o oeste, o norte e o sul devem se encontrar, e não para se chocar e destruir-se, mas para se combinar e se confundir em uma nova cultura de amor e estética [...] uma cultura autóctone hispano-americana (Vasconcelos apud Mortellatto, 2006: 338, tradução nossa).

Todavia, Vasconcelos não toma o México, bem como a porção sul do continente americano, como o *melting pot* ideal em vão. Ele justifica sua postulação adicionando aspectos mitológicos em sua narrativa unificadora e profética. Para ele, a civilização atlante, constituída por homens de pele vermelha, expandiu-se a partir do continente perdido de Platão para se tornar

a mãe de todas as grandes civilizações antigas. Mas, depois de espalhar a prosperidade pelo globo, foi se contraindo até restarem apenas os impérios Asteca e Inca. No entanto, mesmo que Vasconcelos afirme que a cor da pele dos indígenas americanos é a mesma da dos atlantes, ele tem consciência que esse aspecto de sua proposta está baseado em “uma teoria tão obscura quanto rica de sentido” (Vasconcelos, 1948: 14, tradução nossa). Com a mistura das raças e a colonização do Novo Mundo, a Ibero-América teria a chance de conectar os fragmentos espalhados dessa civilização prodigiosa. Contudo, ele não tem a pretensão de deixar o progresso genético e social humano ao sabor do vento. Em suas *Memorias*, sinaliza a importância – e o dever – das elites na instrução do povo, assim como teria proposto Karl Liebknecht. Segundo ele:

O plano de Liebknecht evita as monstruosidades do leninismo e assegura a permanência de uma sociedade sem injustiças, mas também com as justiças que a hierarquia natural impõe, o que nos torna diferentes em capacidade e necessidades e aptidões. E nada da Ditadura do Proletariado ou do Partido, que é apenas um pretexto para o abuso de uma gangue de criminosos (Vasconcelos, 1983: 929-930, tradução nossa).

Vasconcelos diz tirar essa conclusão do manifesto publicado à raiz do assassinato de Liebknecht e Luxemburgo, ou seja, do Manifesto Espartaquista. O texto do documento não faz nenhuma referência direta que justificasse sua leitura pois, apenas em um momento ele se aproxima da leitura de Vasconcelos: “Pedimos a vocês que elejam, em todos os lugares, Conselhos de Trabalhadores e Soldados, que tomarão o poder político em suas próprias mãos e, agindo todos juntos, estabelecerão a paz”. Nada de hierarquias naturais ou aptidões específicas, apenas a organização formal dos trabalhadores do mundo. No entanto, outra noção cara ao ministro faz aparição no manifesto, a raça.

Duas curtas passagens aludem a uma possível unificação das raças e culturas pelo socialismo: “Haveria apenas um povo, a humanidade trabalhadora de todas as raças e todas as línguas. [...] A Internacional salvará a raça humana!” (Zetkin, Luxemburg, *et al.*, 2002). Entretanto, no texto *Um chamado aos trabalhadores do mundo*, publicado em 25 de novembro de

1918 no jornal *Die Rote Fahne (A Bandeira Vermelha)*, a mensagem aparece de uma forma que pode ser lida como mais próxima às suas propostas:

Então, haverá apenas um povo: os humanos trabalhadores de todas as raças e línguas. Então, haverá apenas um direito: a igualdade de todos os homens. Então, haverá apenas um objetivo: prosperidade e progresso para todos. [...] “E a Internacional será a raça humana” (Zetkin, Luxemburg, et al., 2003, tradução nossa).

Embora repudie certos aspectos do socialismo soviético, em suas *Memorias*, Vasconcelos diz ter se inspirado nas ações de Anatóli Lunatcharski na URSS: “A ele devo meu plano e a mais nenhum outro” (Vasconcelos, 2007: 19, tradução nossa). Quando diretor do Comissariado do Povo de Educação (Narkompros), Lunatcharski influenciou a educação artística, acervos de museus, galerias, exposições, publicações sobre arte, construção de monumentos e alfabetização (Buck-Morss, 2018: 79). No entanto, o ministro mexicano delineou um ministério focado em três frentes – uma organização que considerou mais “simples e orgânica”. As escolas ficaram responsáveis pela educação formal básica, as bibliotecas foram direcionadas para complementar a formação dos adultos e as artes, atuando no ambiente escolar, ensinavam canto, desenho e ginástica para os jovens mexicanos (Vasconcelos, 2007: 19).

A educação é um dos pilares para o surgimento da raça cósmica, pois sua universalização, juntamente com a supressão das barreiras geográficas, é uma das etapas para “elevar o nível econômico de todos os homens, e [então] será compreendido que os obstáculos para a fusão acelerada das estirpes desaparecerão lentamente” (Vasconcelos, 1948: 10, tradução nossa). Através dela, Vasconcelos mira instrumentalizar o cidadão mexicano para ser o receptáculo onde o *homo novus* será gestado. Para isso, seria inevitável tomar o mestiço como protagonista de um novo México.

O (conturbado) projeto de Vasconcelos

A figura do mestiço foi incansavelmente perseguida por Vasconcelos. *La raza cósmica* é um grande esforço para afirmar e justificar a superioridade das civilizações que se abriram à mistura. Segundo ele, os egípcios só teriam florescido após a absorção de povos negros, os helênicos misturaram-se com outros brancos para depois serem diluídos pelos romanos e esses pelos povos bárbaros. Já no Novo Mundo, os Estados Unidos e a Argentina ficaram à parte do processo de mestiçagem – com uma reprodução restrita entre raças afins – e as demais nações, como Equador e Peru, interromperam o processo antes do surgimento de uma nova raça devido a questões econômicas e políticas (Vasconcelos, 1948: 12).

Contudo, Vasconcelos parece se importar seletivamente com os problemas da colonização e da colonialidade na América. Sua preocupação central está na disputa entre a latinidade e o anglo-saxonismo no continente. Ele alerta quanto à fragilidade de um patriotismo fundado apenas em figuras como a de padre Manuel Hidalgo e Simón Bolívar, um patriotismo que apaga líderes como Cuauhtémoc⁴ e Atahualpa⁵. Por outro lado, ele exalta os grandes conquistadores – como Cortês, Pizarro, Alvarado e Belalcázar – que teriam respeitado os indígenas durante a colonização. Estes só foram explorados pelos ignóbeis aristocratas da metrópole, homens despossuídos das virtudes dos exploradores espanhóis (Vasconcelos, 1948: 19-22).

Vasconcelos deixa claro que não vê a “raça branca” com maus olhos, nem mesmo nas relações entre as metrópoles europeias e suas colônias. Para ele, a expansão da área de influência europeia pelos demais continentes foi um recurso importante para a ocorrência da miscigenação e da fusão cultural.

É pela e na conquista europeia que as civilizações não brancas passam por uma organização que possibilita a implantação das bases materiais e morais “para a união de todos os homens em uma quinta raça universal, fruto das anteriores e superação de todo o passado” (Vasconcelos, 1948: 16, tradução nossa).

⁴ O último soberano asteca pré-hispânico.

⁵ O último soberano inca.

O surgimento da quinta raça seria a remissão dos pecados cometidos pelo homem branco durante o carregar de seu fardo. Todavia, o futuro da chamada “raça branca” é o desaparecimento: “Ao cumprir o seu destino de mecanizar o mundo, eles mesmos, sem saber, lançaram as bases de um novo período, o período de fusão e a mistura de todos os povos” (Vasconcelos, 1948: 25, tradução nossa).

No muralismo, essas ideias aparecem de forma nada sutil. O segundo andar do *Patio de las fiestas* tem suas paredes cobertas por cenas que retratam, alegoricamente, as lutas sociais do povo mexicano⁶. Diego Rivera, que pintou todo o corredor externo, retratou indígenas, negros e brancos, camponeses e operários, lutando, protestando, partilhando e cantando, em uma série que alude a uma revolução que está por vir. Em *La unión* (Figura 2) e em *Un solo frente* (Figura 3), por exemplo, Rivera pintou a união das raças e dos trabalhadores em prol de uma nova nação.

⁶ O térreo do espaço foi dedicado à representação das celebrações tradicionais mexicanas e o primeiro andar contém os escudos das entidades federativas do México.



Figura 2 - RIVERA, Diego. *La unión*. 1928. Fresco. 4.42 x 1.30 m. Fonte: Acervo da Secretaría de Educación Pública.



Figura 3 - RIVERA, Diego. *Un solo frente*. 1928. Fresco. 4.41 x 1.62 m. Fonte: Acervo da Secretaría de Educación Pública.

Roberto Montenegro, também comissionado por Vasconcelos, pintou a união das raças na América Latina no mural principal do Salón Hispanoamericano da SEP (Figura 4). O mural apresenta a América Latina personificada como uma mulher de tez ocre e cabelos vermelhos que brota, de braços abertos, segurando um martelo e uma tocha – cuja chama toma forma da lâmina de uma foice –, do meio de uma série de galhos para proteger várias figuras ibero-americanas. Ali estão Hernán Cortés, Américo Vespúcio, Cristóvão Colombo, Francisco Pizarro e Vasco Núñez de Balboa,

Padre Hidalgo, José de San Martín, Simón Bolívar, Antonio José de Sucre, Alcalá e Tiradentes; bem como dois homens indígenas pré-hispânicos e quatro mulheres com seus troncos nus portando uma chama em suas mãos. Como um Atlas, ela sustenta o subcontinente para que seus filhos emerjam e o povoem. No entanto, mesmo portando uma mensagem tão fraterna, a relação de Vasconcelos com seus comissionados nem sempre foi tão amistosa quanto as cenas que eles retratavam nos murais.



Figura 4 - MONTENEGRO, Roberto. *La unión de América Latina*. 1924. Fresco. 15.00 x 9.19 m. Fonte: Acervo da Secretaría de Educación Pública.

Rivera (1992: 132-133) relata, em uma passagem de sua autobiografia, uma desavença com seu contratante acerca da presença de um fragmento do poema “Al Minero”⁷, de Gutiérrez Cruz, no mural *Salida de la mina* (Figura 5). Ele só teria cedido às “súplicas” do ministro por ter recebido uma boa contrapartida. Na ocasião, Vasconcelos não havia ficado satisfeito com a mensagem insurrecional presente na obra, uma vez que ela mostrava um minerador sendo revistado por um soldado após sair de seu árduo e insalubre ambiente de trabalho, enquanto as duas estrofes incentivavam esse homem a pegar em armas para recuperar os frutos de seu trabalho. Como alternativa, Rivera pôde escrever um trecho de outro poema de Gutiérrez Cruz em outro mural, este com um conteúdo voltado para o estabelecimento de laços fraternos entre os trabalhadores do campo e da cidade⁸.

A relação entre Rivera e Vasconcelos ficou muito desgastada ao longo de seu trabalho na SEP. O ministro saiu do cargo em 1924 e Rivera só terminou a obra em 1928, não se eximindo de deixar uma sutil provocação em seus murais. Em *Los sabios* (Figura 6), pintou um grupo de trabalhadores revolucionários olhando para um grupo de intelectuais proeminentes no México com desdém. No mural aparecem o poeta José Juan Tablada, a cantora Berta Singerman, o advogado e educador Ezequiel Chávez (sentado sobre livros de autores como Comte e Stuart Mill), o poeta bengali Rabindranath Tagore (uma referência ao orientalismo crescente na América Latina na época) e, de costas para o observador do mural, Vasconcelos aparece sentado em um pequeno elefante acinzentado enquanto segura uma pena. Em tom sarcástico, o ministro relata: “O grande Diego Rivera me retratou, no pátio posterior do edifício que eu havia levantado, em uma posição infame, molhando a pluma no estrume” (Vasconcelos, 2007: 261, tradução nossa).

⁷ Tratava-se das seguintes estrofes: “Compañero minero, doblegado bajo el peso de la tierra,/ tu mano yerra cuando sacas metales para el dinero.// Haz puñales con todos los metales,/ y así, verás que los metales/ después son para ti” (Cruz, 2013).

⁸ Trata-se do mural *Abrazo* (1923), que é acompanhado pelo seguinte poema: “Jornaleros del campo y la ciudad desheredados de la libertad.// Hagan más fuerte el lazo/ que los une en la lucha y el dolor,/ y la fecunda tierra florecerá un abrazo de fuerza y de amor.// Ya después de ese abrazo no pagarán tributos ni mercedes,/ y el potrero y la máquina darán todos sus frutos para ustedes” (Cruz, 2013).



Figura 5 - RIVERA, Diego. *Salida de la mina*. 1923. Fresco. 4.78 x 2.15 m.
Fonte: Acervo da Secretaría de Educación Pública.



Figura 6 - RIVERA, Diego. *Los sabios*. 1928. Fresco. 4.41 x 1.55 m. Fonte: Acervo da Secretaría de Educación Pública.

Vasconcelos também teve uma relação conturbada com David Siqueiros, cuja lentidão do trabalho alega ter relevado por anos (Vasconcelos, 2007: 262). Mas, sua boa têmpera parece não ter resistido à fundação do Sindicato de Obreros, Técnicos, Pintores y Escultores (SOTPE) em dezembro de 1923 – o qual tinha Siqueiros como diretor. Quanto à arte, o ministro diz ter uma posição contrária à criação de sindicatos:

A arte é individual e somente os mediócrs se amparam no gregarismo das associações que são muito boas para defender

o salário do trabalhador que pode ser facilmente substituído, nunca para a obra insubstituível do artista (Vasconcelos, 2007: 262, tradução nossa).

O ressentimento de Vasconcelos para com Siqueiros mostra como era ambígua sua influência sobre o trabalho de seus comissionados, mas, mesmo após deixar o cargo de ministro, notamos que a questão racial vasconceliana continua viva nos murais da SEP. A série presente no segundo andar do *Patio de las fiestas* – da qual três obras foram citadas anteriormente (Figuras 2, 3 e 6) –, por exemplo, foi concluída em 1929, vários anos após o rompimento dos muralistas com Vasconcelos⁹. Logo, a presença de brancos, indígenas e negros nesses murais nos mostra que a percepção da união racial em prol de um projeto nacional sobreviveu à saída do ministro e até mesmo à mudança do governo. Entretanto, é importante ressaltar que a perspectiva unificadora adotada por Diego Rivera na SEP após a fundação do SOTPE não é a exatamente a mesma de seu contratante, enquanto Vasconcelos acreditava na união das raças, Rivera preferiu retratar a união dos trabalhadores mexicanos.

As barreiras para a raça cósmica

O esforço de José Vasconcelos para a criação da quinta raça vai violentamente de encontro à Substituição defendida por Tarrant e Camus. Universópolis, a cidade fantástica construída pela raça cósmica no coração da Amazônia, corre o risco de se tornar uma Anglown, caso a hegemonia saxônica ocorra. A cidade saxônica é o ponto de onde saíam “as armadas guerreiras para impor aos outros continentes a severa lei da predominância do branco dos cabelos loiros e o extermínio de seus rivais escuros” (Vasconcelos, 1948: 35).

⁹ A criação do SOTPE marca a cisão dos muralistas com Vasconcelos. Entretanto, sua fundação está situada no contexto da Revolta Delahuerista, quando os membros do sindicato defenderam a candidatura de Plutarco Elías Calles, frustrando assim as aspirações do ministro em concorrer à presidência pelo Partido Liberal Constitucionalista, além de fomentarem a inimizade que Vasconcelos nutria por Calles (CARR, 1996, p. 53).

Vasconcelos nos fala de uma união por contato, não só territorial, mas também social. Como ele mesmo diz, o surgimento da quinta raça e de sua cultura universal ocorrerá em conjunto com a adoção do mendelismo na biologia, do socialismo no governo e da simpatia crescente nas almas (Vasconcelos, 1948: 53), uma perspectiva que incomodaria a Camus e Tarrant, que flertam com a ideia de Samuel Huntington de “Choque de Civilizações”. Para o cientista político estadunidense, uma civilização é um *lifestyle*. O Ocidente teria um estilo de vida e a América Latina outro, e essa divisão deveria ser mantida. Afinal de contas,

[...] o mundo está se tornando um lugar menor. As interações entre povos de diferentes civilizações estão aumentando; essas interações crescentes intensificam a consciência da civilização e percepção das diferenças entre civilizações e comunalidades dentro das civilizações. A imigração norte-africana para a França gera hostilidade nos franceses e, simultaneamente, aumentou a receptividade de “bons” imigrantes católicos europeus poloneses. Os americanos reagem de maneira muito mais negativa aos investimentos japoneses do que canadenses ou de países europeus. [...] As interações entre povos de diferentes civilizações aumentam a consciência civilizacional das pessoas, que, por sua vez, revigora as diferenças e animosidades estendidas, ou que pensavam-se estar estendidas, profundamente na história (Huntington, 1993, tradução nossa).

Camus, com sua Grande Substituição, é crítico tanto da imigração quanto da miscigenação, que, segundo ele, “carrega dentro de si sua contradição lógica evidente, já que a mistura sistemática dos diversos não pode resultar do mesmo, do indiferenciado, da aldeia universal, da mesma coisa” (Camus, 2012: 49, tradução nossa). O escritor sinaliza que a diversidade se transformou em uma necessidade na França, a figura do Outro foi adorada a tal ponto que qualquer tipo de diferença entre “eles” e “nós” estava sendo extinta. Entretanto, para Camus, a eliminação dessa lacuna não nos levaria à união profética vasconceliana, mas à supressão da liberdade de pensamento e expressão, uma vez que o diferente seria assimilado e o “falar sobre o diferente” perderia o sentido. Em síntese: abraçar o Outro acarretaria no impedimento à crítica.

Muito mais direto, o atirador neozelandês condena sumariamente a diversidade étnica. Tomando a África do Sul como exemplo, Tarrant afirma que a diversidade estagnou a nação, dado que os conflitos entre negros, brancos e indianos trouxeram a ruína para todos eles. Frente a isso, ele conclui:

Por que o que dá força às nações ocidentais (diversidade) não é o que dá às nações orientais (China, Japão, Taiwan, Coreia do Sul) sua força? Como eles são tão fortes, a China deve ser a nação mais dominante do mundo neste século, sendo que lhes falta diversidade? Por que suas nações não diversas são muito melhores do que as nossas e em tantas métricas diferentes?

Diversidade não é uma força. Unidade, propósito, confiança, tradições, nacionalismo e nacionalismo racial é o que fornece força. Todo o resto é apenas um slogan (Tarrant, 2019: 43, tradução nossa).

Ocorre que Tarrant esquece-se dos séculos de espoliação colonial extensiva pela qual passou o país africano. Esquece-se do *Apartheid*, que desde de a implantação do Population Registration Act, de 1950, fez questão de separar todo cidadão em preto, branco, indiano ou mestiço (Baldwin-Ragaven; London; Gruchy, 1999: 18). O Estado sul-africano ficcionalizou a cor da pele de seus cidadãos ao ponto de categorizá-los por raças, uma alucinação chamada por Achille Mbembe de “loucura codificada”. A raça e o negro – bem como o indígena, o *mestizo* e o espanhol – tornaram-se signos e, ao redor deles, foram organizadas visões de mundo em uma relação interdependente. A Holanda e a Inglaterra de hoje não seriam as mesmas caso os Xhosa e os Zulu não tivessem sido explorados por seus colonizadores – da mesma forma que Camus só pode escrever o que escreve, do alto da torre do castelo que habita na comuna de Plieux, graças aos mais de 100 anos de colonização francesa na Argélia.

A categoria “raça” é uma ferramenta de diferenciação. Seja pela existência ou não da alma ou pela especiação, essa lógica organizacional fenotípica definiu a acumulação capitalista mundial por séculos (Grosfoguel, 2016: 38). A raça definiu as fronteiras do Ocidente e determinou as civilizações que, segundo Huntington, não deveriam se inter-relacionar, sob

o risco de borrarem a fronteira de suas identidades. O ideólogo estadunidense argumenta que as demais civilizações desejam o aspecto, e as vantagens, do “ser moderno” do Ocidente, mas sem que estejam dispostos a se ocidentalizar. Logo, o Ocidente deveria se precaver, econômica e militarmente, para não ser corroído pelos interesses estrangeiros, pois, no futuro, “não haverá civilização universal, mas um mundo de diferentes civilizações, cada uma das quais terá que aprender a conviver com as outras” (Huntington, 1993, tradução nossa).

Edward Said, em uma dura crítica à proposta de Huntington, questiona a dicotomia do “Mundo contra o Ocidente” apresentada pelo autor. O “truque” do Choque de Civilizações teria delineado de forma subjetiva e patética o que faria parte da categoria ou não, atendo-se apenas às animosidades da dicotomia enquanto ocultava os “intercâmbios, fertilizações cruzadas e partilhas” (Said, 2001).

Vasconcelos (1948: 16-27) também menciona as benesses do Ocidente em dois momentos em *La raza cósmica*. No primeiro, exalta a Grécia como mãe de uma civilização destinada a expandir-se para civilizar e povoar o mundo. No segundo, exalta o amor do soldado e do missionário espanhol, que criaram uma nova raça com os negros e os indígenas e os guiaram para uma nova etapa em sua evolução.

O escritor parece ser muito amigável com a figura indígena, exaltando sua pureza e potencialidade de desenvolvimento. No entanto, ele não demonstra a mesma boa vontade com os “orientais” ou com os negros. Os chineses degradariam a condição humana ao se reproduzirem como ratos, colocando os “instintos zoológicos” acima de sua “inteligência” – diferentes dos distintos marinheiros japoneses de São Francisco. No entanto, os olhos oblíquos dos “mongóis” podem ser úteis à nova raça, pois propiciariam um olhar por um novo ângulo, que “descobre novas dobras e dimensões”. Já os negros, não são frontalmente atacados como os chineses, muito pelo contrário, sua contribuição para a nova raça viria a ser justamente sua capacidade de balançar a introspecção da sapiência antiga do indígena com

sua avidez por “felicidade sensual, danças ébrias e luxúria desenfreada” (Vasconcelos, 1948: 29-32, tradução nossa).

Vasconcelos tem um olhar sexualizante sobre a figura do negro, algo que Mbembe, citando Fanon, chamou de “ciúme sexual”. O homem negro, como alvo desse “ciúme”, tem a si atribuída uma qualidade fálica que não existe (Mbembe, 2014: 194-196). A animalização do negro, que o reduz a um falo, é o ápice da objetificação de seu ser e, ao mesmo tempo, é um mecanismo brutal de controle. O momento da castração do negro-falo é o momento da destruição do ser “elevada ao quadrado”, quando se aniquila o homem duas vezes. Já no caso da mulher negra, ela é uma musa exótica e erótica, que contém entre suas pernas um portal para o passado dos exploradores, dos continentes selvagens, do calor dos trópicos, para o primitivo (Mbembe, 2014: 123-125). O negro é assim construído como a antítese do branco dotado de autocontrole, justo e civilizado.

No entanto, como bem sabemos, a bondade branca está longe de ser inerente ao homem europeu. A existência da categoria “negro”, “índio” e “branco” é uma ficcionalização patética que narra os homens a partir de suas diferenças físicas. Nesse sentido, o *mestizo* de Vasconcelos atua tanto como uma categoria extra de diferenciação quanto de apagamento das violências fundacionais na América Latina. Na SEP, não há sequer um mural que retrate os pecados do colonizador, não há nada que indique o atrito entre as etnias, há apenas cenas de comunhão, de crítica às elites burguesas e de exaltação da pureza indígena.

A Raça e a Nação

Em 1865, a Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos proibiu a escravidão em todo o território estadunidense, exceto para os condenados. Assim, escravos foram transformados em criminosos, o negro deixou de ser falo para virar bandido, acabando, novamente, tolhido de seu contato com o branco justo. O discurso racial apenas tomou um verniz penal,

assim como o racismo tomou, mais recentemente, uma camada cultural, uma camada que aceita Camus e permite Tarrant. Mesmo Samuel Huntington não oculta a questão racial em seu discurso. Embora saliente que as civilizações não se limitem às características fenotípicas de seus integrantes, o autor, por meio de uma nada sutil analogia envolvendo gregos e persas, afirma que seria improvável que povos com o mesmo sangue, língua, religião e estilo de vida traíssem uns aos outros (Huntington, 1996: 46-47).

Impedir a traição é exatamente o objetivo de Vasconcelos e do governo Obregón, a unificação nacional nada mais é do que o apaziguamento dos ânimos da população trabalhadora e a afirmação de sua vitória pela revolução. Uma vitória que cujas paredes das instituições públicas mexicanas absorveram para atestar a todos essa conquista popular. No entanto, o projeto educacional de Vasconcelos, assim como o próprio governo Obregón, era centralizador, não tinha como objetivo emancipar os estudantes e sim incluí-los na narrativa nacional projetada por uma elite branca.

Já vimos que Vasconcelos exalta a figura do explorador espanhol e a técnica da raça branca em *La raza cósmica*, uma perspectiva que se adequa ao seu próprio lugar no governo pós-revolucionário. Sua noção de “hierarquia natural” é uma justificativa para um nacionalismo regido pelas elites.

Vasconcelos foi membro-fundador do Ateneo de la Juventud, uma organização de intelectuais dedicada a repensar a educação e a cultura do país. Os ateneístas tinham como objetivo o desmantelamento do positivismo na educação e retomada das obras clássicas para criar e cultivar o que Vasconcelos chamou de “um novo saber” (Monsiváis, 2010: 30-31). Um saber marcado pelo arielismo, uma corrente filosófica em ascensão na América Latina.

Em 1900, o escritor uruguaio José Enrique Rodó publica *Ariel*, um ensaio onde relaciona a América Latina à figura espiritual e nobre de Ariel, personagem de *A Tempestade*, e os Estados Unidos da América à figura do mundano Caliban. Não por acaso *La raza cósmica* nos apresenta o futuro da

conquistadora Anglotown e o da amorosa e espiritualmente elevada Universópolis.

A capital da raça cósmica simboliza mais do que um simples reduto da virtude mestiça, ela é a síntese da história humana, de seu “espírito”, afinal, a América Latina possui “uma grande tradição étnica a manter, um vínculo sagrado que nos une às páginas imortais da história, confiando à nossa honra sua continuação no futuro (RODÓ, 1947: 115, tradução nossa).

Nesse contexto racial messiânico, Vasconcelos, como membro de uma elite intelectual mexicana, tenta fazer as vezes de um Próspero rodoniano, um educador que concilia Ariel e Caliban em prol de um futuro redentor. A construção de uma nação mestiça atestada pelo muralismo é uma tentativa de preparar o México para ingressar na modernidade sem os conflitos internos pelo qual havia passado na segunda década do século XX, apaziguando as dicotomias da nação (brancos/indígenas, liberais/conservadores, oligarcas/burgueses, aristocratas/democratas, laicos/religiosos). Entretanto, como Homi Bhabha nos diz, o conceito de nação foi criado pelo e no assim chamado Ocidente. Um Ocidente europeu, secular, moderno e racional que tenta organizar a vida de uma determinada sociedade com base em parâmetros que nem sempre se adequam a ela. Assim, a nação se divide em duas dimensões: uma na qual ela é narrada e outra na qual ela é vivida (Bhabha, 2010: 11-12).

O muralismo de Vasconcelos tentou narrar a nação tendo em vista o ideal racial-cósmico, porém, o movimento se tornou mais forte que seu criador, passou a ter a luta de classes como motor histórico. No entanto, mesmo com as mudanças ministeriais e governamentais a nação mexicana proposta na pintura mural continuou sendo retratada como uma terra prometida para os mestiços humildes e trabalhadores, onde todos seriam aceitos, pois todos teriam valor para o desenvolvimento não apenas de um país próspero.

Considerações finais

O Muralismo buscou a integração do cidadão mexicano no projeto estatal de construção de uma nova nação e de um povo, um projeto que sobrepassou até mesmo seu financiador inicial. Na SEP, o movimento deu seus primeiros passos sob a tutela de Vasconcelos, muito influenciado pelo seu ideal de *mestizo* e sua concepção espiritual de México. Contudo, conforme o movimento foi se desenvolvendo e se organizando, juntamente com a saída do ministro, o foco das produções saiu da questão racial e foi para a classe, o que de forma alguma apagou sua presença nas obras.

A raça cósmica de Vasconcelos foi um esforço para pensar um lugar capaz de comportar a diferença, desde que os diferentes se sujeitassem ao discurso nacional e à miscigenação guiada pelo projeto estatal. Mesmo assim, a proposta ainda é muito mais agradável do que as postulações de ideólogos como Huntington e Camus que, além de desconsiderar, invertem a lógica da colonização, colocando-se como vítimas dos povos colonizados e espoliados por séculos pelas metrópoles europeias. O mestiço foi tomado como um objetivo para alcançar uma coesão nacional mitológica que busca suas origens enquanto projeta um futuro de glórias, situando-se eternamente entre o “era uma vez” e o “felizes para sempre”.

Caetano Veloso bem disse pela voz de sua irmã, Maria Betânia: “Eu sou a chuva/ que lança a areia do Saara/ Sobre os automóveis de Roma”. *Reconvexo*, de 1989, mostra como o eu-lírico, “a sombra da voz da matriarca da Roma Negra”, coloca-se como um agente de disseminação cultural. Assim como os ventos tempestuosos carregam os grãos de areia do deserto africano até a Europa, Caetano – na ocasião da composição da canção – é um filho da Roma Negra que está em Roma. Huntington e Camus tentam fechar os olhos de seus leitores para o fenômeno corriqueiro que é a interação entre “civilizações” diferentes, uma interação que é intrínseca às estruturas que o Ocidente fez questão de espalhar em todos os lugares que alcançou.

Referências bibliográficas

BALDWIN-RAGAVEN, Laurel; LONDON, Leslie; GRUCHY, Jeanelle. *An Ambulance of the Wrong Colour: Health Professionals, Human Rights and Ethics in South Africa*. Cidade do Cabo: University of Cape Town Press, 1999.

BHABHA, Homi. *Narrar la nación*. In: BHABHA, Homi (Ed.). *Nation and Narration*. Grafinor: Siglo Veintiuno Editores S.A., 2010.

BUCK-MORSS, Susan. *Mundo de Sonho e catástrofe: o desapareciemnto da utopia de massas na Inião Soviética e nos Estados Unidos*. Florianópolis: UFSC, 2018.

CAMUS, Renaud. *Le Grand Remplacement, suivi de Discours d'Orange*. [S.l.: s.n.], 2012. E-book.

CARR, Barry. *La izquierda mexicana a través del siglo XX*. Ciudad de México: Ediciones Era, 1996.

CRUZ, Gutierrez. *Secretaría de Educación Pública. Secretaría de Educación Pública*, 2013. Disponível em: <<https://murales.sep.gob.mx/swb/demo/pb>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

GREELEY, Robin Adele. *Muralism and the state in post-revolution México, 1920-1970*. In: ANREUS, Alejandro.; GREELE, Robin Adele.; FOLGARAIT, Leonard. *Mexican Muralism: A Critical History*. Berkley e Los Angeles: University of California Press, 2012.

GROSGOUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, p. 25-49, jan.-abr., 2016.

HUNTINGTON, Samuel. *Clash of Civilization*. 1993. Disponível em: <https://notendur.hi.is/ajonsson/kennsla_haust2003/Clash.htm>. Acesso em: 08 dez. 2019.

_____. *O Choque de Civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MORTELLATTO, Itzel Rodriguez. *El renacimiento posrevolucionario de Quetzalcóatl*. Ciudad de México: UNAM, 2006.

MONSIVÁIS, Calos. *Historia mínima de la cultura mexicana en el siglo XX*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2010.

RIVERA, Diego; MARCH, Gladys. *My Art, My Life: An Autobiography*. New York: Dover Publications, 1992.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Montevideo: Colombino, 1947.

SAID, Edward. *Análise: O choque de ignorâncias*. Site da Folha de São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31639.shtml>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

TARRANT, Brenton. *The Great Replacement*. [s. l.; s. n.], 2019.

VASCONCELOS, José. *La raza cósmica*. Ciudad de México: Editorial Stylo, 1948.

_____. *La Tormenta*. In: VASCONCELOS, José. *Memorias I*. [S.l.]: [s.n.], 1983.

VASCONCELOS, José. *El desastre*. In: VASCONCELOS, José. *Memorias II*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

ZETKIN, Clara (et al). *The Call: Manifesto of the German Spartacists*. Marxists Internet Archive, 2002. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/international/socialdemocracy/call/1919/30.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

_____. *A Call to the Workers of the World*. Marxists Internet Archive, 2003. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1918/11/25.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2019.